



laura vinci

morro mundo

galeria

nara roesler

A **Galeria Nara Roesler | São Paulo** apresenta *Morro Mundo*, individual de Laura Vinci, artista reconhecida por sua narrativa particular, poética e política, em torno do corpo, do espaço e do efêmero.

A instalação, observada pelo arsenal poético de Carlito Azevedo que escreveu o texto sobre a obra, ocupa uma grande área com uma massa de fumaça branca que convida o visitante para a experiência de desorientar-se no espaço e reorientar-se no corpo.

A sua máquina programada para soltar fumaça à medida que seus sensores de presença são ativados, revela-se ao espectador pelos tubos de vidro que atravessam todo o espaço expositivo. Diferentemente de outros trabalhos com vapor d'água, como a artista realizou no MuBE e no Beco do Pinto, em São Paulo, nesta instalação o vapor é anunciado antes de se dispersar no ar. Assim os visitantes podem assistir à fumaça em situação também de controle, antes de ser tragado por ela.



vista da exposição -- galeria nara roesler | rio de janeiro, 2017

Morro Mundo, 2017
tubos de vidro, máquina de fumaça
dimensões variáveis



Morro Mundo, 2017
tubos de vidro, máquina de fumaça
dimensões variáveis



A instalação é composta ainda por objetos dourados, que pendem nas escoras distribuídas pelo espaço, ativando as noções da altura do teto e distância das paredes. “Esses pequenos objetos configuram-se como ampulhetas, bússolas, mapas e outras ferramentas de medição, que podem nos ajudar a seguir viagem”, sugere Laura. As peças carregam pequenas amostras de granada, pedras que, ao simbolizar impulso e determinação, evocam um desejo de transformação.

Morro Mundo, 2017
vídro borossilicato lapidado, latão banhado a ouro
e estilhaços de granada ed 1/5 + 1 PA
17,5 x 13,5 cm

Duas Medidas, 2017
latão banhado a ouro, estilhaços de granada
ed PA





Bússola, 2017
vidro borossilicato serigrafado, latão
banhado a ouro ed 1/5
+ 1 PA

Folhas Avulsas # 1, 2018
latão fundido com banho de ouro
3 peças de 12 x 5 x 8 cm (cada)



créditos da imagem : Jennifer Glassi © cortesia da artista



X vermelho, 2017
água tinta e água forte sobre papel hahnemuhle 100%
algodão ed 1/5 + 1 PA
125 x 80 cm



X vermelho, 2017
água tinta e água forte sobre papel hahnemuhle 100%
algodão ed 1/5 + 1 PA
125 x 80 cm

Morro Mundo

Carlito Azevedo

O poeta francês Stéphane Mallarmé dizia fumar para colocar um pouco de fumaça entre ele e o mundo. Como se ela, fumaça, fosse uma espécie de lente ou escama, cabana ou anti-cabana mágica, mas sempre algo *entre*.

Laura Vinci, cujos trabalhos sempre foram sensíveis aos diferentes estados e vibrações da matéria, sabe, porém, que tudo é fumaça, cerração, névoa, nevoeiro. E a neblina um contorno espiritual. Não há um fora da neblina. *Diadorim era a minha neblina*, escreveu Rosa. *Tudo névoa-nada*, o Eclesiastes. *Todos os homens, por serem homens, estão na neblina, queiram ou não queiram*, Vilém Flusser. Uma neblina que aqui, em *Morro Mundo*, tem marés altas e marés baixas. E nos submete a constante flutuação do ponto de vista. É quando a matéria do mundo em ondas nos dança. Quem diz cerração, diz limiar.

Mas no princípio, concretamente, é a tubulação de vidro, esse inimigo do mistério, que já exhibe a fumaça, ainda contida, quase amarrada, como um bicho, prestes a saltar, até ser finalmente liberada pelo acionamento dos sensores de presença e ir enrodilhar seu corpo por cada canto de espaço, engolindo-o e nos engolindo.

E se há algo que flutua, levita, essas escoras em *Morro Mundo* parecem sugerir que há também algo que cai, ameaça desabar: o céu? o peso aéreo? a linha do horizonte? São escoras contra a desapareição? contra o nosso desamparo, se pergunta a artista? Sustentam a máquina do mundo? Quem diz escoras, diz catástrofe? Interessa descascar as várias camadas de uma pergunta, o mais vigorosamente possível. Mas quem ergue uma escora diz o ruir, a ruína. *Morro Mundo* é político e seu diálogo com a hora presente é intenso. O invisível, o desaparecido, aquele que necessita da proteção da pedra (granada), da nuvem de fumaça e da escora é de algum modo pensado aqui.

E esses instrumentos de medição e precisão espalhados, suspensos? Bússolas, balanças, globos transparentes, o que fazem aqui? E esse X vermelho, como aqueles que nos mapas fabulosos marcavam o exato lugar, o ponto de chegada, a meta, o prêmio, o alvo, o tesouro, o que faz aqui, quase suprematista? Nossas tentativas de orientação e medida são escoras contra que brutal desabamento? O feixe de luz que lança um X vermelho à distância é uma lanterna, um sinal de fumaça? Quem diz luz, diz passagem do tempo. Elemento que desde a famosa ampulheta de toneladas e toneladas de areia, a escorrer por um furo mínimo na laje de um prédio abandonado, é, para Laura, quase o corpo de que tudo o mais seria como que o exoesqueleto.

Já em 2007, as pequenas peças de mármore da instalação *Ainda viva*, convivendo, fixas, duradouras, mas não eternas, com as maçãs espalhadas rumo ao apodrecimento, lento de dar vertigem, imparável contudo, mostravam que os atritos ou confrontos em Laura Vinci se dão em níveis sutis e complexos.

E não à toa se evoca aqui a instalação *Ainda viva*, cujo nome dialoga, dez anos depois, com este *Morro Mundo*, se lermos *Morro* mais como verbo, como às vezes sugere a artista, do que como substantivo. *Morro Mundo Ainda Viva. Ainda Viva Morro Mundo*.

A forte tensão interna entre a necessidade ou obrigação de orientação, de peso e medida, e a tentação ou castigo do perder-se, às cegas, tensão entre levitação e desabamento, cria uma espécie de movimento aqui que tem algo de prova de resistência.

Tudo é fumaça, mas, parafraseando D. H. Lawrence, qualquer bússola, qualquer balança, somos nós tocando o inaudível sinete de nossa presença no caos.

Carlito Azevedo é poeta, autor dos livros *Monodrama* e *Livro das postagens*. Editou por dez anos a revista de poesia *Inimigo Rumor*.

Laura Vinci (1962, São Paulo, Brasil) vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Vinci formou-se em artes plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP em 1993 e concluiu mestrado na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP em 2000. O interesse da artista recai sobre momentos de ruptura. Depois de abandonar a pintura no início da carreira, Vinci passou rapidamente pela prática da escultura e, em seguida, para instalações em larga escala. Realiza intervenções em espaços públicos e privados, procurando motivar os espectadores a serem participantes diretos. Seja com luzes suspensas do teto, cobrindo o chão com maçãs ou conectando uma rede de recipientes de mármore com água aquecida, Vinci explora a transformação da matéria, construindo ambientes onde as mutações acontecem diante do olhar do público. Mesmo quando trabalha no plano bidimensional, a forma e suas transições ainda são o foco da artista, no que seus desenhos são estudos para futuros ambientes escultóricos. Também se destaca em muitas obras de Vinci a reflexão sobre o vazio como espaço em potencial. O vazio no intervalo entre duas lajes de concreto de um edifício abandonado, medido pela queda de um fino fio de areia, deslocando inexoravelmente o que está acima para o que está abaixo. O vazio que é sedimentado em pó de mármore, preenchendo o espaço entre formas compactas que se alternam entre a própria consolidação e diluição. O vazio preenchido pelo calor emitido por um corpo quente, elevando-se em ondas de vapor. Ou o vazio da umidade no ar, condensando-se como gelo ao redor de um corpo frio. A artista também possui produção artística na área teatral, na qual elabora cenografias.

Suas principais exposições individuais mais recentes incluem: No ar, Casa França-Brasil (Rio de Janeiro, Brasil, 2015); Sem título (da série “Papéis Avulsos”), Art Center/South Florida (Miami, EUA, 2014); No ar, Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador, Brasil, 2013); Clara Clara, Arte na Cidade (São Paulo, Brasil, 2012); e Laura Vinci, Carpe Diem Arte e Pesquisa (Lisboa, Portugal, 2010). Participou da 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004); as 2ª, 5ª e 7ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2009); da 10ª Bienal Internacional de Cuenca, no Equador (2009); e da 13ª Quadrienal de Praga de Espaço e Design da Performance (República Checa, 2015). Principais coletivas mais recentes incluem: ÁGUA – 23 artistas contemporâneos e a questões da água, Sesc Belenzinho (São Paulo, Brasil, 2017-18); Tempo Presente, Espaço Cultural Porto Seguro – ECPS (São Paulo, Brasil, 2017); Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art, São Paulo, Phoenix Art Museum (Phoenix, EUA, 2017); Pedra no Céu – Arte e Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia – MuBE (São Paulo, Brasil, 2017); Museu do Louvre – Pau-Brazyl, Edifício Louvre (São Paulo, Brasil, 2016); Paisagens Fugidias # 1, Centro Universitário Maria Antônia (São Paulo, Brasil, 2016); Desenhos de Cena # 1, Sesc Pinheiros (São Paulo, Brasil, 2016); Imaterialidade, Sesc Belenzinho (São Paulo, Brasil, 2015); OURO – O fio que costura a arte do Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil (Rio de Janeiro, Brasil, 2014); e Made by... Feito por Brasileiros, antigo Hospital Matarazzo (São Paulo, Brasil, 2014). Atualmente, Laura Vinci está apresentando a instalação Diurna (2018) no Espaço Arte Imersiva do recém-inaugurado Farol Santander.



laura vinci: morro mundo
galeria nara roesler | são paulo

abertura

sábado, 24 de fevereiro - 11h

exposição

26 de fevereiro - 24 de março, 2018
seg-sex > 10h - 19h
sáb > 11h - 15h

galeria@nararoesler.art
www.nararoesler.art

laura vinci é representada pela galeria nara roesler